



VENEZUELA

Trump anuncia bombardeio a uma segunda lancha usada pelo narcotráfico, no Mar do Sul do Caribe, com três mortos. Líder chavista denuncia que Washington planeja uma "agressão militar"

Maduro acusa EUA de preparar ataque

» RODRIGO CRAVEIRO

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, denunciou os preparativos dos Estados Unidos para o que chamou de "agressão de caráter militar" contra Caracas. "Há uma agressão em andamento, de caráter militar, e a Venezuela está autorizada pelas leis internacionais a enfrentá-la", declarou o titular do Palácio de Miraflores. Para Maduro, não existe apenas uma tensão entre EUA e Venezuela. "É uma agressão total. É uma agressão judicial, quando nos criminalizam; é uma agressão política, com declarações ameaçadoras diárias; é uma agressão diplomática; e é uma agressão no caminho da natureza militar", advertiu. Horas após as acusações de Maduro, Donald Trump anunciou um novo ataque contra narcotraficantes no Mar do Sul do Caribe — o segundo bombardeio em 13 dias a uma embarcação venezuelana. Três criminosos teriam sido mortos na operação.

"Nesta manhã, sob minhas ordens, as forças militares dos EUA conduziram um segundo ataque cinético contra cartéis extraordinariamente violentos do tráfico de drogas e contra narcoterroristas. O ataque ocorreu enquanto esses narcoterroristas da Venezuela estavam em águas internacionais transportando narcóticos ilegais, a caminho dos EUA. Esses cartéis do tráfico representam uma ameaça à segurança nacional, à política externa e aos interesses vitais dos Estados Unidos. O ataque resultou em três terroristas mortos em ação", declarou. O presidente americano também fez uma ameaça direta aos traficantes. "Se você está transportando drogas que possam matar americanos, nós o caçaremos", avisou.

"É uma operação militar para amedrontar e para buscar uma mudança de regime, desestabilizar a Venezuela, parti-la em pedaços, como fizeram com a Líbia e com a Síria, e apoderar-se e roubar nosso petróleo, nosso gás, nosso ferro e nosso ouro, e isso não aconteceu, nem vai acontecer", prometeu Maduro, na entrevista de ontem.

General de brigada do Exército da Venezuela e analista militar, Antonio Rivero González explicou ao **Correio** que "a ação militar dos Estados Unidos deverá incluir, a qualquer momento, posições de líderes do cartel encabeçado por Maduro, Diosdado Cabello (número dois do chavismo) e Vladimir Padrino López (ministro da Defesa)". "Esperamos que, a qualquer momento, os

Federico Parra/AFP



Não é uma tensão, é uma agressão total. É uma agressão judicial, quando nos criminalizam; é uma agressão política, com declarações ameaçadoras diárias; é uma agressão diplomática; e é uma agressão no caminho da natureza militar"

Nicolás Maduro,
presidente da Venezuela

» Guarda Nacional deve patrulhar Memphis

Enquanto as operações militares dos Estados Unidos prosseguem no Mar do Sul do Caribe, no cenário interno, o presidente americano, Donald Trump, voltou a tomar medidas controversas. Por meio de um decreto assinado à tarde, no Salão Oval da Casa Branca, o republicano anunciou o envio de tropas da Guarda Nacional a Memphis (Tennessee), como parte de sua luta contra o crime em grandes cidades do país governadas pela oposição democrata. A operação "incluirá a Guarda Nacional, bem como o FBI", a agência antidrogas DEA, o Serviço de Imigração e Controle de Alfândega (ICE) e outras agências federais, declarou Trump a jornalistas em uma cerimônia no Salão Oval, acrescentando que isso é "muito importante devido à criminalidade que está ocorrendo".

EUA possam atuar dessa maneira. Não somente de modo unilateral, mas com a participação de vários países", comentou. "Ao colocar a denominação de narcoterrorista ao regime de Maduro, Trump legitima uma ação para derrubá-lo do poder e para substituí-lo por Edmundo González e por María Corina Machado", afirmou.

Rivero acredita que uma operação militar americana na Venezuela precisa viabilizar uma força de segurança capaz de restabelecer a estabilidade do país, depois da

queda de Maduro. "Qualquer ação de desmantelamento do Cartel de los Soles precisa ser acompanhada de uma força de segurança que garanta a estabilidade e a recuperação das instituições, assim como a paz na região", acrescentou.

Retórica

Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (Caracas), não vê

mudança no nível de tensão no Mar do Sul do Caribe. "Os Estados Unidos mantêm presença na região para evitar que o narcotráfico siga utilizando essa extensa área para suas operações. É preciso ter em mente que há muito tempo a Venezuela não exerce controle sobre esse território marítimo. Prova disso são as duas embarcações destruídas pela força militar americana", disse ao **Correio**. Segundo ele, Maduro preserva a retórica de uma guerra permanente contra os EUA. "Com certeza, os Estados Unidos realizam negociações, nas quais exigem que Maduro abandone o poder. A Casa Branca não o reconhece como presidente e, ao mesmo tempo, imputa-lhe os crimes de narcotráfico e terrorismo."

Em 2 de setembro, as forças americanas abateram outra lancha supostamente usada por "narcoterroristas", deixando 11 mortos, segundo Trump. As relações diplomáticas entre Washington e Caracas foram rompidas há seis anos. Mais recentemente, os dois governos ensaiaram uma reaproximação, para tratar de temas como a troca de prisioneiros e a deportação de migrantes.

LESTE EUROPEU

Olesya Kurpyayeva/AFP



Soldado participa de manobras bélicas em Minsk, capital bielorrussa

Belarus e Rússia elevam tensão com jogos de guerra

Treinamentos de combate feitos em conjunto pela Rússia e por Belarus, dois aliados desde o fim da União Soviética, ampliaram a tensão no Leste Europeu, em meio a sucessivas violações do espaço aéreo de países-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Sob liderança de Alexander Lukashenko, Belarus sinalizou prontidão para entrar no conflito com a Ucrânia, caso se sinta ameaçada.

Os exercícios militares russos e bielorrussos, conhecidos como "Zapad", ocorrem a cada quadriênio e mantêm a Polônia e os países do Mar Báltico também em alerta. Os "jogos de guerra" de Lukashenko e de Vladimir Putin tiveram início na sexta-feira passada. As manobras incluem veículos blindados, helicópteros de combate e navios.

Dmitri Peskov, porta-voz do governo russo, garantiu que os testes militares são "exercícios planejados e não direcionados a ninguém". Professor de política comparada da Universidade Kiev-Mohyla, Olexiy Haran disse ao **Correio** que é importante avaliar o que ocorreu depois das manobras ocorridas em 2021. "Um contingente russo permaneceu em Belarus e usou o território para iniciar a agressão contra a Ucrânia em 2022", afirmou. "O principal movimento da incursão terrestre russa partiu de Belarus para tentar capturar Kiev."

Haran também lembrou que a Rússia bombardeou a Ucrânia a partir de Belarus — o que indica uma participação indireta do regime de Lukashenko na ofensiva russa. Segundo ele, há uma provocação contínua nas fronteiras de Ucrânia, Belarus e Lituânia, com migrantes sendo convidados ao território bielorrusso, sob a promessa de serem alocados na União Europeia (UE). "Recentemente, temos visto o que ocorreu com os drones russos, que alcançaram a Polónia, a partir do território de Belarus", explicou.

O estuário considera importante o chamado Corredor Suwalki — com 100km de extensão, liga Belarus ao enclave russo de Kaliningrado. "Em caso de um ataque a partir do território bielorrusso, o corredor poderia separar os países bálticos da Polónia. Este é um dos locais de chantagem em potencial feita pela Rússia contra a Polónia", disse Haran.

Fragmentação

As bombas de fragmentação deixaram mais de 1.200 mortos e feridos civis na Ucrânia desde o início da invasão russa, em fevereiro de 2022, mas o número pode ser maior, anunciou uma ONG que monitora o uso deste tipo de arma.

Em seu relatório anual, o Observatório de Minas Terrestres e Munições de Fragmentação denuncia "retrocessos preocupantes" nos esforços mundiais para erradicar esse armamento. Também ressalta o uso extensivo destas armas pelos militares de Moscou e Kiev desde o primeiro dia da invasão russa ao território da Ucrânia.

Os números de vítimas das bombas de fragmentação relatados são apenas "a ponta do iceberg", declarou Loren Persi, que coordena uma das equipes de investigação do Observatório. "Tudo indica que haveria pelo menos centenas de vítimas a mais, ou milhares", acrescentou. Esses armamentos podem ser lançados de aviões ou disparados do solo por canhões, antes de explodir no ar e dispersar munições menores.

ORIENTE MÉDIO

Líderes árabes e muçulmanos tentam frear Israel

Em uma manifestação articulada sem precedentes, lideranças de países árabes e muçulmanos pediram uma revisão das relações diplomáticas e econômicas com Israel. A medida seria uma reação ao ataque israelense contra chefes do grupo fundamentalista islâmico Hamas que se reuniam em Doha, no Catar, para debater um plano norte-americano de trégua em Gaza. O momento do chamado para a reavaliação dos elos com o Estado judeu é simbólico por ocorrer no dia do quinto aniversário da assinatura dos Acordos de Abraão — destinados a normalizar as relações entre Israel e diversos países árabes.

No esboço de declaração final da cúpula emergencial de 60 países da Liga Árabe e da Organização para Cooperação Islâmica em Doha, ao qual a agência de notícias France-Presse teve acesso, as nações pediram "a todos os Estados que tomem todas as medidas legais e eficazes possíveis para evitar que Israel continue suas ações contra o povo palestino, incluindo (...) revisar as relações diplomáticas e econômicas, e iniciar processos legais contra ele".

Entre os países participantes, estavam os Emirados Árabes Unidos (EAU), Bahrein, Egito, Jordânia e Marrocos, que reconhecem Israel. Entre os signatários dos Acordos de Abraão, os líderes de Emirados, Marrocos e Bahrein enviaram altos funcionários do emissários.

O emir do Catar, xeque Tamim bin Hamad Al Thani, acusou Israel de tentar sabotar as negociações de paz, ao atacar os

Omar Al-Qattaa/AFP



negociadores do Hamas, em Doha. "Quem trabalha de forma diligente e sistemática para assassinar a parte com a qual está negociando busca desestabilizar as negociações (...) para eles, as negociações não são mais que parte da guerra."

Chefe da Missão da Liga dos Estados Árabes no Brasil, o embaixador Qais Shqair explicou ao **Correio** que a cúpula "condenou conjuntamente a agressão brutal e flagrantemente de Israel contra o Estado irmão do Catar, um local soberano e neutro para mediação, juntamente com o Egito e os EUA,

de um cessar-fogo que ponha fim aos seus crimes de genocídio, limpeza étnica, fome e cerco na Faixa de Gaza".

"Ao reafirmar a necessidade de confrontarmos em conjunto os planos de Israel para impor nova fé consumada na região (...), junto ao reconhecimento do Estado da Palestina por muitos países na Europa, todos devem lançar luz sobre os desdobramentos positivos que enfrentam as políticas brutais e agressivas do governo israelense e encontrar a intenção de trazer paz à região", observou Shqair.

Torre reduzida a pó

Bombardeios contra prédios da Faixa de Gaza têm sido recorrentes. As Forças de Defesa de Israel (IDF) geralmente emitem um alerta para que moradores abandonem o imóvel, antes de reduzi-los a escombros. Ontem, a Torre Al-Ghafari, um prédio de 18 andares e 60 apartamentos, situado na zona portuária da Cidade de Gaza, foi destruído durante um ataque aéreo. As IDF informaram que o grupo islâmico Hamas instalou um "sistema de inteligência" no edifício, além de postos para monitorar as tropas. De acordo com o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas, 65 mil pessoas morreram na guerra.

Solidariedade

O chefe da Liga Árabe em Brasília destacou o fato de os 57 países terem reafirmado a "absoluta solidariedade" ao Catar. "Eles vislumbraram uma perspectiva comum de segurança regional e cooperação, ao saúdem a resolução que ressalta o conceito de segurança coletiva e o destino compartilhado dos Estados árabes e islâmicos. Isso é muito importante, no momento em que se seguiu à brutal agressão israelense", concluiu Shqair. (Rodrigo Craveiro)